

Crise do capitalismo global e o ethos da pleonexia

Anderson Clayton Pires
(Brasil)

Resumo

Este artigo propõe fazer uma reflexão da atual crise do capitalismo global numa perspectiva socioetológica, a relação dos seus efeitos na estrutura axiológica da sociedade de consumo que parece figurar com o impacto negativo da retração econômica mundial, sugerindo a produção de uma conseqüente disfuncionalização coletiva das crenças centrais dos cidadãos brasileiros, chegando a atingir, em última instância, a dimensão psico-religiosa do cotidiano dos fiéis dos novos seguimentos das igrejas evangélicas brasileiras.

Palavras chaves: capitalismo global; pleonexia; crenças disfuncionais; sociedade de consumidores.

Abstract

This article proposes a reflection on the current crisis of global capitalism from a "social-aetiological" perspective, a relationship of its effects in an axiological structure of the consumer society that seems to establish a negative impact on the world economic retraction, suggesting a production of a consequent collective malfunction of the central beliefs of Brazilian citizens, even achieving, at the end of the day, a psycho-religious dimension of "the everyday" on the ones who believe in the new developments of Brazilian Evangelical churches.

Keywords: global capitalism; "pleonexia"; malfunctional beliefs; consumers society

O que está acontecendo com o capitalismo global? Que mal-estar está sendo produzido com esta crise econômica internacional? Que valores estão sendo camuflados? E que valores estão sendo denunciados nela? Entramos na era pós-capitalista? Em que sentido esta crise atingirá o imaginário religioso nos países de economia emergente como o Brasil?

O cenário econômico mundial sugere preocupação. Aparentemente, o capitalismo global vive o seu pior momento desde a queda do socialismo real no início da década de 90 do século 20. Analistas econômicos estão apreensivos diante da atual crise que mostra a fragilidade do sistema financeiro mundial e seus reflexos na economia real. O problema central que toca diretamente no capitalismo de mercado é o que os economistas chamam de "liquidez". Num cenário de incertezas, elevam-se os riscos e a desconfiança dos investidores, o que leva a uma retração da economia (diminuição do volume de negócios na Bolsa de Valores e no comércio em geral), produzindo a falta de crédito no mercado para investimento em infra-estrutura e o conseqüente crescimento econômico dos países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A baixa dos preços das *commodities* pode ser um indicador macroeconômico de um desaceleramento da economia global, como também pode ser um claro sinal de recessão¹ da economia global, ou na pior das hipóteses, um indicador perturbador que podemos estar caminhando para uma depressão mundial, comparada, por alguns analistas, à Crise de 29.

¹ A recessão ainda não atingiu seu vértice global. Ela ainda está circunscrita nos EUA e em alguns países da Europa, e no Japão, segundo analistas. No Brasil, esta recessão começa a produzir seus efeitos colaterais (desaceleração econômica e crescente crise de empregabilidade) sobretudo no parque industrial do Estado de São Paulo. A baixa dos preços das *commodities* combinado com o desaceleramento do consumo e crescente desemprego nestes países (além da queda sucessiva no PIB em três meses seguidos em cada um deles) indicam um quadro de recessão econômica em cada um deles.

Especialistas em economia política internacional têm falado, de modo cauteloso, das previsões apocalípticas que poderão configurar o cenário socioeconômico do mundo capitalista da próxima década, produzindo retração do consumo e desemprego crescente em todos os países de economia desenvolvida e em desenvolvimento.

O crescimento médio dos países desenvolvidos previsto para o ano de 2009 chega próximo de 0%, e de países de economia emergente como o Brasil não passará de 1,5% (sendo muito otimista). O momento de expansão e otimismo da economia de livre mercado dá sinal de cansaço, o que sugere a possibilidade de colapso nas economias de países emergentes de curto-médio prazo, dentre os quais se destaca o Brasil. Esta já é uma preocupação notória com a qual se ocupa a equipe econômica do governo Lula.

O recente episódio que reflete a atual tendência de estatização,² protagonizada pelos EUA, tem levado cientistas políticos norte-americanos a falarem com pessimismo acerca do futuro americano no novo mapa que se desdobra na geoeconomia mundial, e o conseqüente fim da “hegemonia econômica norte-americana” no mundo ocidental, bem como a derrocada histórica da ideologia neoliberal na chamada “era da globalização”. Outros, porém, mais otimistas,³ propõem uma ampla discussão para se pensar novas regras de regulamentação do sistema financeiro mundial, a fim de evitar seus reflexos nefastos na economia real.

Há um consenso entre os analistas de que esta crise do capitalismo global afetará, de médio-longo prazo, todos os seguimentos produtivos da sociedade globalizada. Se alguém tinha dúvida da existência deste fenômeno (a globalização), eis aí os reflexos irrefutáveis de sua existência sendo percebidos na esfera social da realidade concreta do cidadão. A instabilidade do mercado financeiro reflete o alto grau de desconfiança dos investidores, que agora se converte em escassez de crédito na economia de mercado, o que desacelera o consumo e compromete o superávit das balanças comerciais das economias de livre mercado. Essa realidade já pode ser sentida aqui no Brasil, mesmo com os discursos discordantes de economistas que dizem que no Brasil ainda não há sinais de recessão da economia.⁴ A previsão menos otimista para a balança comercial e o seu reflexo no PIB para este ano no Brasil já reflete os sinais da desaceleração econômica decorrente desta crise do sistema financeiro internacional.

Pois bem: Em que sentido esta crise toca a subjetividade das pessoas? O que se pode depreender, do ponto de vista psicossociológico, de uma crise econômica como esta? Uma primeira variável psicológica que se verifica neste cenário de retração da economia global é a diminuição do horizonte expansivo da capacidade moral de consumo, o que afeta diretamente a própria subjetividade do consumidor. Este

² Este é um tema ainda controvertido entre os economistas. Alguns apontam em direção favorável; outros, não. O economista americano Paul Krugman, em entrevista, usa este conceito para caracterizar a ação-intervenção política do governo americano ao assumir o controle dos grandes bancos americanos no início desta crise.

³ Ver GIDDENS, Anthony. Uma terceira via global In: HUTTON, H. & GIDDENS, A. *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004, p.299-313. A consciência da fragilidade do sistema financeiro internacional, bem como do efeito desestabilizador na economia de livre mercado, já era objeto de reflexão de intelectuais europeus há quase uma década, e pode ser verificado nas palavras dita por Giddens: “A área de ação mais premente, que preocupou todos os nossos colaboradores, é aliviar os perigos apresentados pelo funcionamento do atual sistema financeiro internacional... O sistema financeiro tem que ser regulamentado para proteger o livre comércio” (p.306).

⁴ Mesmo não estando na recessão, não podemos negar o fato de que vivemos sob a iminência de uma, o que acaba refletindo na psicologia do mercado negativamente. .

fenômeno pode ser conceituado de “crença disfuncional de desamparo econômico”.⁵ A lógica que se insinua na psicologia do “homem unidimensional”, da qual nos falava Marcuse, é a da “racionalidade da gratificação” na prática do consumo. De acordo com Beck, “a ética da realização e das conquistas individuais é a corrente mais poderosa da sociedade moderna”.⁶ Ao obliterar esta possibilidade de consumo descomedido nas sociedades de consumidores da atual era da globalização, na compreensão de Bauman, a subjetividade dos indivíduos acaba sendo afetada negativamente pelo ônus da inadequação psicológica que busca, na prática do consumo, o reconhecimento/legitimação social, o que acaba servindo de reforço político para alimentar uma “cultura do narcisismo”.⁷ Para Bauman, “o consumo é um investimento em tudo que serve para o “valor social” e a auto-estima do indivíduo”.⁸

À medida que os limites de possibilidade de uma ética voltada para o consumo expansivo são delimitados em termos de uma previsibilidade matemática decrescente, o “complexo de impotência” (Erich Fromm)⁹ proveniente de um horizonte de satisfação escasso e comprometido em sua máxima operante – “consoma mais para se sentir melhor” – se torna cada vez maior. Esta situação de retração econômica prevista para capitalismo global produz instabilidade no horizonte psicopoiético da auto-estima de indivíduos portadores de uma “crença disfuncional de incompetência” econômica, o que acaba contrariando a lógica da racionalidade de consumo das “sociedades de gratificação imediata” de que nos falou Bauman.¹⁰

O espírito do capitalismo foi bem construído e retroalimentado em representações axiológicas que aparecem figuradas em máximas como a de Benjamin Franklin, bem lembrada por Max Weber: “tempo é dinheiro”.¹¹ Por isso, ele não deve ser desperdiçado; antes, se deve usá-lo para trabalhar intensamente, a fim de manter viabilizado o sentido moral da ética do trabalho capitalista: potencializar sempre mais a lógica psíquica do processo de expansão do capital.¹²

Na atual crise do capitalismo global, a retração do consumo será possivelmente alavancada pelo crescimento da falta de emprego nas economias de livre mercado. Esta é uma variável que já parece refletir na sociedade americana. A “política do corte”, como meio de racionalizar a política do equilíbrio entre os setores de

⁵ Este conceito utilizado nesta reflexão é inspirado no construto instrumentalizado por terapeutas cognitivistas, a saber: “crença disfuncional de desamparo”.

⁶ BECK, Ulrich. Viver a própria vida num mundo em fuga: individualização, globalização e política. In: HUTTON, W. & GIDDENS, A. *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004, p.236.

⁷ Uso este conceito na acepção de Christopher Lasch. Ver LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism*. New York: Warner Books, 1979.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.76ss.

⁹ Este tema foi desenvolvido por Fromm em sua psicanálise do capitalismo contemporâneo. Ver FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1976.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. Sociedades de gratificação imediata em diferentes culturas: Europa e América do Norte. *Concilium*. Vol./No. 282 (1999), p. 9-17.

¹¹ Ver WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967, p.28ss.

¹² Pannenberg faz uma interpretação da sociologia weberiana que reforça o sentido da interpretação feita aqui: “De acordo com Weber, a doutrina calvinista da predestinação e o interesse nela fundado de asseguarção da própria eleição mediante a aprovação individual na vida moral, e especificamente na vida profissional, conferiram forma à conduta de vida organizada de modo ascético e racional, necessária ao desenvolvimento da economia capitalista”. PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008, p.123.

produção e consumo, parece ser sempre a mais conveniente forma de justificar uma saída menos dramática para se conter os efeitos deletérios da recessão econômica. Parece que a grande questão que sempre figura como preocupação na análise dos economistas é a de como evitar o déficit funcional da economia de mercado. Entretanto, muito pouco se fala do déficit cognitivo e emocional que será construído na subjetividade dos indivíduos desempregados a partir da operacionalização de crenças disfuncionais de incompetência econômica, as quais subsistirão negativamente no senso de manutenção da auto-estima.

A sensação da “ingovernabilidade política” que se preconiza neste contexto de crise do capitalismo global atinge, implacavelmente, a subjetividade das pessoas, conforme já nos revelou Giddens.¹³ Pois ela sempre propõe uma reestruturação do modo de viver sem apontar, contudo, e ao certo, a direção que se deve tomar e o que de fato se deve fazer no epicentro do furacão da crise. Este fenômeno conjuntural provoca uma espécie de “ansiedade neurótica do não-destino” nos indivíduos, fenômeno capaz de despotenciar crenças funcionais de auto-apreciação positiva. É inevitável se sentir tomado, neste contexto de crise, pelo “medo derivado” (Zygmunt Bauman),¹⁴ fenômeno arquetípico de uma realidade marcada pela desorizionalização subjetiva do futuro do presente.

Há sempre presente o medo de se ficar à deriva na psicologia do desemprego. Ele é, possivelmente, o reflexo de uma crença disfuncional de desamparo econômico. Como a falta de liquidez é um fenômeno econômico que desestrutura todo o processo da cadeia produtiva de uma economia de mercado, a inevitabilidade do desemprego em larga escala já é um presságio que aponta como corolário sóciopolítico do esfriamento da economia global. Neste caso, um fato econômico produz um fato psicológico: a produção, em escala também global, de crenças disfuncionais, ora de desamparo econômico, e ora de incompetência para consumir, que acabará afetando diretamente o retrato subjetivo do *eu-improdutivo*.

Mas o que mantém funcionando a mecânica desta engrenagem econômica chamada capitalismo global? Na análise de Hobbes,¹⁵ ganância e ambição, que produzem conflito macro-social entre os homens em seu estado de natureza e fomenta a irrupção de uma “guerra generalizada”, são variáveis psicológicas que precisam ser contidas pela intervenção política do Estado (Leviatã). Não seria equivocado dizer que estas mesmas variáveis psicológicas, que estruturam uma arquitetura moral orientada pela ação desatinada da pleonexia, devam ser consideradas a mola propulsora da Odisséia do capitalismo global em sua vocação expansionista.

Heródoto considerava a pleonexia o desejo imortal pelo poder, e não somente a ganância de possuir cada vez mais bens materiais (riqueza), como era considerado em Platão e Aristóteles. Na LXX, ela é traduzida por “cobiça” ou “insaciabilidade” presente naqueles que mantêm uma relação idolátrica com a riqueza. O próprio termo grego *pleon* (mais) e *ekho* (ter) sugere uma busca desatinada e compulsiva pela riqueza, o que na parábola exposta por Jesus de Nazaré em Lc 12,13-21 é considerado uma atitude mental característica de um “homem demente ou louco”

¹³ GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrol: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007, p.14ss.

¹⁴ O sentimento de vulnerabilidade ontológica é um dos componentes presente na estrutura psíquica do medo derivado. Ver BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹⁵ HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.30. Este tema também aparece desenvolvido em sua obra mais importante. Ver HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

(*afhron*). Este fenômeno axiológico acima descrito foi considerado por Paulo, o apóstolo, uma característica moral própria de pessoas que não possuem o conhecimento de Deus e, por isso mesmo, vivem segundo as suas próprias disposições mentais (Rm 1,28-32). Por esta razão, a pleonexia foi considerada um pecado capital para a cristandade incipiente. Pois ela considerava que quem vive sob o seu auspício, não consegue enxergar e amar uma outra realidade além de si mesmo.

O perfil do narcísico do qual nos falou Christopher Lasch em seu *The Culture of Narcissism* se encaixa perfeitamente no arquétipo psicológico do pleonéxo.¹⁶ Não é a vocação expansionista do sistema financeiro ou a falta de normas de regulamentação do sistema financeiro americano/mundial que provocou o início do terremoto em *Wall Street*; mas, sim, o “desejo insaciável” de banqueiros em “querer sempre mais” às custas do prejuízo de outrem. Esta é, na verdade, a variável que está na base do recente episódio de quebraadeira sistemática de bancos norte-americanos, e com ela o início desta crise do sistema financeiro mundial. Quando se fala em criar normas para regulamentação do sistema financeiro, se quer, na verdade, disfarçar a presença de elementos axiológicos que se escondem por trás da brecha do sistema.

No entanto, esta crise do sistema financeiro, que tem redundado na falta de crédito no mercado, acaba sendo reveladora da psicologia do ser humano que vive em um sistema econômico que produz e reproduz a lógica da pleonexia. Por que o mercado sofre tanto com o “falta de liquidez”? Porque nela é produzida uma crença disfuncional de insuficiência econômica na qual é estabelecido o limite e a possibilidade reduzida da prática de aquisição para pessoas que, na maioria das vezes, se orientam pela lógica hedônica da “sociedade da opulência”. Racionalidade econômica sem gratificação imediata potencializa forças provocadoras do ressurgimento de um mal-estar que sempre esteve presente no imaginário religioso do Ocidente, sobretudo em sua forma ética do Protestantismo calvinista, a saber: a repressão.¹⁷

Na ética da repressão, o imperativo que desonera o ímpeto da “moral do ter” acaba produzindo um sentimento de inadequação psicológica. Numa democracia liberal, a redução de crédito financeiro pode significar perda de liberdade, liberdade de consumo, liberdade de auto-realização na prática do consumo. O conceito de felicidade que o ser humano desenvolveu na sociedade de mercado livre está intimamente associado ao de “auto-realização” psicológica. A restrição da liberdade econômica imposta pela falta de crédito no mercado despotencia o *modus operandi* da “psicologia do consumo”, e exacerba, no imaginário dos indivíduos, o imperativo ético (numa forma negativa) que acaba provocando inapetência na racionalidade da gratificação imediata: “agora não é o momento para se fazer uma nova aquisição”.¹⁸ Como a psicologia do consumo não opera com o conceito de “esperar” ou “procrastinar”, os indivíduos colocados em situação de “déficit no crédito” passam a se autocompreender “excluídos” num primeiro momento, e “descartáveis” posteriormente.

Neste sentido, a “escassez de crédito” provoca dois grandes problemas nas sociedades capitalistas de mercado livre: 1) para os grandes banqueiros e

¹⁶ Um neologismo criado para descrever o perfil moral de quem pratica a pleonexia.

¹⁷ Não só no sentido psicológico, mas moral/econômico também. Sugiro a leitura de ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1982.

¹⁸ Zygmunt Bauman faz uma observação interessante sobre síndrome cultural do consumismo: “A síndrome cultural consumista consiste, acima de tudo, na negação enfática da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação – esse dois pilares axiológicos da sociedade de produtores governada pela síndrome produtivista” (BAUMAN, op.cit., p.111).

empreendedores, ela representa “sinal de recolhimento”. Neste, a psicologia da pleonexia sofre um duro golpe que pode gerar fortes seqüelas na estrutura disposicional da lógica do “eu quero sempre mais”. Uma crise recessiva, ainda que em estágio embrionário, acaba comprometendo a intensidade do “crescimento econômico” dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Mas compromete também o processo de contínua “hipertrofização” da riqueza dos pleonéxos. Toda movimentação que se vê entre líderes dos países do G-7, G-8 e G-20 tem por objetivo “evitar” o colapso proveniente de uma crise sistêmica, bem como “proteger” a vocação expansionista do capitalismo global e seus empreendedores; 2) para os consumidores, a “escassez de crédito” significa (re)futurização das possibilidades de auto-satisfação na prática do consumo. O problema é que o incidente da crise do sistema financeiro global aconteceu coincidentemente num momento do calendário ocidental em que o incentivo à prática do consumo começa a ser programada: o Natal.

Como a felicidade está agregada inevitavelmente à possibilidade de se auto-realizar na prática do consumo, se falou que o Natal de 2008, para a maioria das sociedades capitalistas ocidentais, tenha sido (em virtude da crise) uma data triste, visto sob a perspectiva da cultura do consumo. Pois a “liberdade de se alegrar consumindo” foi duramente privada pela consciência do “devo [eu] adiar esta nova aquisição para depois”. A escassez de crédito se torna um problema para aqueles que costumam se entregar ostensivamente, sobretudo no contexto do Natal, à prática imoral da pleonexia: têm um carro novo, mas desejam comprar um melhor, mais caro, mais luxuoso, etc. O valor social desta prática dos consumidores compulsivos, como sugere Bauman, figura uma teleologia que consiste em torná-los “objeto de consumo” (i.e., mercadoria) para outros potenciais consumidores. A ambição destes acaba se transformando em mercadoria de cobiça daqueles outros.

Neste movimento espiral e irracional da psicologia da pleonexia, a crise do capitalismo global revela “valores imorais” que foram forjados na subjetividade dos indivíduos, transformados em máquinas de consumo. O *homo lupus homini* hobbesiano, numa sociedade de consumidores, pode ser compreendido como condição/retrato de uma subjetividade programada para viver em função da ganância de ter sempre mais para si, orientada pela lógica desumana da “capitalização dos benefícios e da socialização dos prejuízos”. Essa compreensão esteve presente no sentido moral do protesto popular feito por americanos(as) no início deste processo de crise econômico-sistêmica. A ganância revela o “egoísmo” tipificado na psicologia do narcísico que se torna incapaz de “enxergar as necessidades do outro”¹⁹ enquanto se ocupa com as demandas de sua própria vaidade (i)moral e autocentrada.

Uma pergunta relevante que se faz necessária neste momento da reflexão é: a crise do sistema financeiro internacional e a decorrente crise do capitalismo de livre mercado denunciam o colapso da era da globalização, isto é, marca o surgimento de uma sociedade pós-capitalista? Para Rousseau, o nascimento da civilização moderna (capitalista) ocorreu com operacionalização do princípio da ordem social liberal da “privatização do espaço comum”, quando o primeiro ser humano ousou dizer em alto e bom tom: “isto aqui é meu”.²⁰ É possível que a ética calvinista tenha escondido este espírito pleonéxo no fomento de uma conduta moral ascética e racional, sem, contudo, conseguir esconder o claro objetivo de desculpabilizar a consciência do

¹⁹ Esta foi a interpretação feita por Giddens do conceito de narcisismo cultural desenvolvido por Lasch. Ver GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

²⁰ Ver ROUSSEAU, J.J. *O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Brasília: Editora UnB, 1989.

indivíduo para a qual o decreto da eleição incondicional havia imputado seu veredicto de justificação por fé. A mundanização do *ethos* protestante calvinista se transformou em mordedura algoz colocada a serviço do sistema capitalista para ser arremetido contra toda tentativa de separar e definir semanticamente as diferenças axiológicas dos dois reinos naturalmente antagônicos: o sacro e o profano. Nesta capacidade política de cooptação constitutiva do sistema capitalista, o Protestantismo histórico não teve como escapar da crítica do próprio Marx que o chamou de “religião burguesa”. A pleonexia é o coração deste sistema, e é através dela que ele sempre forja sempre novas maneiras de reorientar e renormatizar o *telos* de sua sobrevivência que se fundamenta na lei universal do: acumulai, acumulai, acumulai: eis aí a lei e os profetas.

Neste sentido, acredito que é muito pouco provável que esta crise do capitalismo global tenha um efeito pedagógico auto-humanizador para os indivíduos inseridos nela. Desde a *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer até o mais recente brado de protesto intelectual do pensamento crítico de Zygmunt Bauman, o capitalismo de produção e consumo vem sendo considerado o principal agente de deformação identitária de subjetividades individuais inseridas neste contexto histórico-social chamado de Era Moderna. O sentido humanístico da crítica contra o processo de reificação preconizado no capitalismo moderno esteve presente tanto em Marx quanto em Marcuse. Desta forma, até mesmo a racionalidade técnico-científica, na verdade, tem se prestado para afunilar a fome de poder²¹ orientada para potencializar o ambicioso empreendimento de formatação política de um *ethos* societário marcado pela “estratificação de privilégios”.²² Até mesmo no regime político chamado de “socialismo real”, este traço (i)moral da disposição psicológica da pleonexia se tornou flagrante e flagrado. Neste sentido, é correto pensar que assim como o capitalismo se refez depois da Crise de 29, adotando políticas de fomento para a revitalização do consumo e a recuperação de suas demandas expansionistas, desta vez o que acontecerá não será diferente. O capitalismo global está em um momento de crise, mas não a psicologia moral da pleonexia. Esta se encontra viva e ilesa na confraria ideológica dos grandes líderes do capitalismo global, os quais estudarão novas maneiras de garantir a “re-estabilização” do sistema financeiro internacional para que os ideais de uma política de livre mercado não sejam mortalmente afetados. A escassez de crédito não mortifica a fome da pleonexia, mas apenas complexifica os novos processos de operacionalização política de seus ideais liberais.

Não creio, portanto, que veremos a derrocada do capitalismo global, tampouco a irrupção de uma era pós-capitalista. O desenvolvimento de uma auto-renovação sistêmica sempre foi e continuará sendo uma estratégia política constitutiva do capitalismo em sua trajetória histórica. É nesta perspectiva e com esta disposição mental que os líderes do capitalismo ocidental se reunirão, no próximo dia 15 de novembro nos EUA, para pensar novos dispositivos políticos de revitalização da economia de livre mercado, bem como de controle e regulamentação do sistema financeiro internacional, a fim de proteger a economia real de virtuais oscilações futuras que possam provocar danos ao capitalismo de mercado.

²¹ Talvez seja este o desdobramento político que se deva compreender da afirmação feita por Adorno e Horkheimer de que o “conhecimento é sinônimo de poder” em sua *Dialética do Esclarecimento*.

²² Esta leitura sociológica está claramente presente na crítica que Bauman faz à modernidade. Ver BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

No entanto, é certo que, de curto-médio prazo, todos sofrerão os reflexos da crise econômica global por conta da escassez de crédito²³ que acabará sendo sentida por todos. E neste contexto, é válido perguntar em que sentido esta crise atingirá diretamente o *ethos* religioso das igrejas evangélicas brasileiras especificamente. Será que a atual onda de prosperidade dos novos seguimentos das igrejas evangélicas brasileiras sofrerá algum prejuízo?

É difícil prever com precisão. Mas é bom lembrar que existe uma coincidência entre o crescimento deste novo seguimento da igreja evangélica e o crescimento econômico que o mundo ocidental experimentou na última década. É bom mencionar que o processo da globalização favoreceu, de modo determinante, o próspero cenário econômico da sociedade brasileira por conta da relação multilateral que o Governo brasileiro desenvolveu no contexto da economia global.

Houve, em sentido ascendente, uma mobilidade social significativa acontecendo no Brasil neste momento de crescimento da economia mundial, o que proporcionou efeitos positivos, sobretudo, para a classe média brasileira. Com a prosperidade econômica da sociedade brasileira a partir de 2003, as igrejas evangélicas também experimentaram um notório processo de expansão: elas prosperaram. Vários dispositivos foram usados para receber recursos dos fiéis, incluindo o uso de cartão de crédito. A chamada “Teologia da Prosperidade” refletiu a euforia de um momento positivo da economia global.

Neste sentido, é quase sintomático esperar que o efeito negativo desta crise econômica global também afete os fiéis doravante e, por conseguinte, a estrutura funcional das igrejas como um todo. Estes efeitos serão, a meu ver, de duas formas: 1) se a retração da economia é prevista para o mundo todo, isto afetará inevitavelmente as indústrias e o comércio também aqui no Brasil. Afetando o setor produtivo, afetará, por conseguinte, o setor de emprego e a renda do cidadão brasileiro. E sob a ameaça de um cenário pessimista, é provável que os novos seguimentos da igreja evangélica brasileira consiga provocar o aumento da demanda pelo discurso religioso em suas reuniões formais. Mas, paradoxalmente, este aumento da demanda pelo discurso religioso deverá ser seguido por um decréscimo significativo na prática de contribuições dos fiéis.

O aumento da frequência se justifica por conta do aumento do grau de incerteza ante a crise econômica que se instalou no mundo todo (e que em breve também chegará ao Brasil de forma concreta na economia real), crise esta capaz de produzir uma reviravolta no cenário sócio-religioso em que ensejará um surto epidêmico de “crenças disfuncionais de desamparo econômico” a nível coletivo.

Em situações onde o grau de incerteza aumenta, o discurso religioso pode ser utilizado como meio de produzir a revitalização das “crenças funcionais”. Luhmann²⁴ expressou esta função discursiva da religião-igreja, enquanto sistema autopoietico, com o uso do conceito de “desparadoxalização do mundo”, afirmação esta que quer indicar uma atividade específica da religião-igreja capaz de produzir uma redução do grau de incerteza em relação o futuro para os fiéis religiosos inseridos em uma sociedade complexa.

²³ Para muitos analistas, escassez de crédito não significa ausência de crédito. Isto é: mesmo não faltando crédito, sua diminuição significativa refletirá negativamente sobre a economia real, o que acabará provocando mudanças no comportamento de quase todos os setores da sociedade organizada.

²⁴ Este tema foi desenvolvido por Niklás Luhmann em seu livro *Funktion der Religion*. Há uma tradução feita para o espanhol no qual é possível ter acesso a esta discussão. Ver LUHMANN, Niklás. *La Religion de la sociedad*. Madrid: editorial Trotta, 2007.

Esta é a meta psicológica que o discurso religioso propugna-se a realizar no ambiente evangélico neoprotestante brasileiro. Quanto mais dificuldades financeiras os crentes vivenciarem, e quanto maior for o grau de incerteza diante do cenário de desempregabilidade crescente que se espera incidir nesta conjuntura de crise da economia global, tanto maior se tornará a procura pelos meios inusitados que apontem para um caminho de superação. A finalidade do discurso religioso nos novos seguimentos da igreja evangélica sempre foi o de procurar “reativar” os dispositivos operantes das crenças centrais dos indivíduos submetidos a uma situação de desemprego/desamparo econômico.

No entanto, caso a sensação de desamparo econômico persista, e uma vez verificado a constatação da não-mudança prometida pelo discurso religioso na vida dos crentes, a tendência é que estes novos seguimentos evangélicos experimentem uma “crise de evasão” de fiéis sem precedente em sua história. Um quadro de crenças disfuncionais de desamparo não alterado pode provocar um fenômeno ainda mais sério: o de desencanto com o discurso religioso e, conseqüentemente, a instalação de um quadro de “depressão religiosa coletiva” sem precedente na história da religiosidade contemporânea da igreja evangélica no Brasil; 2) sintomaticamente, este episódio intraeclesiástico produzirá seus efeitos no aparato institucional como um todo. Da mesma forma que se constatou um crescimento prodigioso dos evangélicos nas últimas duas décadas, esta situação deverá se reverter agora. Assim como os efeitos positivos da globalização favoreceram a “hipertrofização das igrejas” evangélicas brasileiras, os efeitos negativos deverão provocar uma realidade contrária a esta, isto é, deverão provocar a diminuição significativa de seu contingente, para não dizer o fechamento de muitas igrejas evangélicas deste novo seguimento religioso brasileiro.

Resta saber se este quadro histórico-conjuntural será interpretado em termos escatológicos, ou se haverá uma análise correlacionando as variáveis: “crise do capitalismo global” e “declínio da fé” evangélica neoprotestante no Brasil contemporâneo. O horizonte ainda é incerto. Mas mesmo assim é possível vislumbrar uma tempestiva onda de mudança que atingirá não somente a dimensão laica do(a) cidadão(ã) brasileiro(a), mas também a (intra)religiosa. Um prognóstico mais preciso ainda é difícil de ser feito. Porém, as expectativas do futuro parecem ser sombrias, a nível coletivo e individual. A onda de prosperidade para os novos evangélicos brasileiros, preconizada, sobretudo, na psicologia moral da pleonexia, parece ter chegado a sua derrocada apocalíptica. Esta crise econômica atingirá letalmente a síndrome do consumismo que se encontra também presente no *ethos* da nova espiritualidade evangélica brasileira, gerando contenção de despesas, reduzindo o horizonte ambicioso da expansão institucional deste empreendimento religioso em tempos de crise do capitalismo global.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. Sociedades de gratificação imediata em diferentes culturas: Europa e América do Norte. *Concilium*. Vol./No. 282, 1999.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. Viver a própria vida num mundo em fuga: individualização, globalização e política In: HUTTON, W. & GIDDENS, A. *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2004.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1976.

GIDDENS, Anthony. Uma terceira via global In: HUTTON, H. & GIDDENS, A. *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

_____. *Modernidade e Identidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

_____. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LASCH, Christopher. *The Culture of Narcissism*. New York: Warner Books, 1979.

LUHMANN, Niklás. *La Religion de la sociedad*. Madrid: editorial Trotta, 2007.

PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ROUSSEAU, J.J. *O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Brasília: Editora UnB, 1989.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

© 2009 Anderson Clayton Pires

Doutor em Teologia pelo IEPG-EST em São Leopoldo, RS, e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre. É professor do Instituto Superior de Teologia Luterana (ISTL), e pastor colaborador da Igreja Confessional Luterana.
E-mail: comentários@teologos.com.ar